



- *What is mind? No matter!*
- *What is matter? Never mind!*

da avó
de Bertrand Russell

CONTÉM

O hóspede
Visual dos Signos
Um-no-outro
Um/dois/três/muitos
Nada, a não ser que
Aconteceu
Aqui & Assim
Escrito num volante
Certa madrugada
Buraco negro
As tribulações
Retífica
O caçador
Antes da perestroika
La vie littéraire
O tópico
À saída do metrô
Pergunta no ar
Paralelas
A outra
Verbum verborum
Comunicação

O HÓSPEDE

Entre a telha e a trava da varanda
o pássaro solteirão

vem dormir todas as noites.

Infla as plumas e não gosta que se acenda a luz;
abre o olhinho vígil e o bico é um grampo espetado
no novelo.

Madrugador

ninguém o vê partir...

VISUAL DOS SÍGNOS

- A - o complexo de primeiro lugar
- B - a matriarca bojuda
- C - a maçã mordiscada
- I - a frieza em pessoa
- M - o glifo dos glifos, o hieróglifo
- O - o plenilúnio de maio
- R - a rubrica sangrenta
- S - a volta por cima
- T - a vigésima rebaixada à décima nona
- U - o texugo que se enxuga da chuva
- X - o lugar onde deve assinar
- Y - a tulipa de chope
- W - a caligrafia das ondas

UM-NO-OUTRO

(ou as singularidades eletivas)

A guia de turismo investe pelo Café-Bar.

– Ah, não agüento mais aquele homem. Gente! é um doido varrido.

Passada uma hora vem o cartunista;

– Esteve aqui? Não mintam. Uf! É uma doida varrida, me guarda o ferro elétrico na geladeira.

Mataram-se num Carnaval (xifópagos) na Foz do Iguaçu, sobre a loucura das águas
encachoeiradas.

UM/DOIS/TRÊS/MUITOS

Por vinte anos ele martelou, encheu os ouvidos dos colegas no final dos expedientes.

Solene, desvestia o safari, que dobrava devagar, e em tom oficiante dava ao realejo:

Mais um di-a pa-ra o mun-do,

Me-nos um di-a pa-ra os ho-mens.

Quando de uma semana pra outra adoeceu e morreu, sentiram todos a falta do repeteco e um verbalizou o sentimento geral –

ah! não é que a latomia do Saturnino até que fazia sentido.

NADA, A NÃO SER QUE

- Aceita meu cartão?
 - Antes que se respondesse, dobrava a quina.
 - Aqui está
- OTÁVIO LINS*
violinista
- Ah, temos um músico da WM!
 - Negativo, Violinista é o anagrama do meu nome.
 - Então...Poeta barroco?
 - Oblato dos maleditinos.
 - O-bla-to. O que é isso?
 - Procure no *Aurélío*.
- (Tempo depois casou, tornando-se imensamente burro).

ACONTECEU

Era no limbo, ou como os outros dizem, na erraticidade.

Formas anãs - grãos erodidos? - jaziam. Delas, três ou quatro ensaiavam vôo para num triz caírem adiante. Oh, tudo liliputianas sonâncias, onomatopéias, efeito de afeto em situação. Melhor: funções do instinto disparado, cotos lançados - expletivos de dor, alegria, desejo, admiração, instigação, aplauso, de horror e silêncio.

Ay flores, ay flores do verde pyno! quando despertei, não havia mistério: cabeceando, eu simplesmente ressonara sôbre o capítulo terminal do código vernáculo, o DAS INTERJEIÇÕES.

AQUI & ASSIM

M.B. é o mitômano nato a quem já ninguém dá crédito.

– Que pena! o Gide não vem mesmo ao Brasil.

– Como é que você sabe?

- Recebi carta dele.

Um ouriçou-se:

– Mentira. E se não tem aí a carta, eu tenho aqui o dinheiro pro táxi. Vamos buscá-la!

.....

Hora depois ei-los de volta, – o bronqueador atrás, precedido do sinal menos; M.B. à frente (mas sem triunfar!) com o sinal mais, *id est*, a carta de Gide na mão.

ESCRITO NUM VOLANTE

O QUE VOCÊ AMA
em alguma parte fica e vivifica
não implode, revem de-longe
tempo puro

O QUE VOCÊ AMA
vê em caixa alta com todas as letras
partilha ou passa ao papel
seu bem de raiz

O QUE VOCÊ AMA
ninguém te tira

CERTA MADRUGADA

ruídos fortes me acordaram. Bruxas? Quadros caindo?
Jarras rompendo?

– Vai ver, Baltasar.

Sono, frio e dois dedos de medo me tolhiam, entre
lençóis. Fui; eram os cacos, as cavilhas da bela língua
portuguesa -

*alhures - quejando - adrede - assás
quão - quiçá - comezinho - somenos
debalde - entrementes - cerce - tampouco
– outrossim – amiúde*

espatifados por todo o carpete verde da biblioteca.

BURACO NEGRO

Colona não devolve livro emprestado.

Questão de princípio. Afirma: livros são feitos para circular. Os dos outros. Porque os de Colona formam um acervo que nada tem da imaginária livraria de Rabelais (*Pantagruel: II/7*) de 140 volumes; ao contrário, são redondamente 14.000, encadernados em crepel, lombadas e cantoneiras de vaqueta, títulos dourados.

E a par de tanto livro-livro, Colona – um requintado – consome ainda anti-livros; livro-uisqueira, livro-relógio, livro-gravador e descobriu ultimamente, importado de Itália, o elegante livro-suporte-pra-cachimbos...

AS TRIBULAÇÕES

Em qualquer parte do mundo – Hong-Kong, Califórnia, Mar del Plata, Copacabana – o vozerio nos bares é o purgatório das noites. *As Tribulações de um Chinês na China* me caia das mãos. Calquei o interruptor do quarto, no Plaza Hotel, e adormeci. Por quanto tempo? Desperto, sem querer atento aos berros ascendentes, cobri a cabeça com o travesseiro. Que horas seriam?... De repente meu braço encompridando era decepado lá fora por um veículo em disparada. Acordei dentro do sonho. O senescal transpunha a arcada do tribunal... Vozes, em tom dublado, altercavam veementes e acusadoras! – Bebi o clássico copo d'água gelada, olhei as horas, e reabrindo meu Júlio Verne esperei resignado pela madrugada.

RETÍFICA

O jovem crítico criticava mais do que o necessário o velho escritor

ainda e sempre maluco por mulher.

– Êi, de-va-gar, querido.

Cresceu:

– Devagar, por quê?

– Hueles, Sancho, y no a ámbar...

– Traduz.

– *E*le ataca de-dia, você ataca de noite.

Caiu em si, e como era gente –

em seu riso começaram a passar porção de ovelhas brancas.

O CAÇADOR

- Professor! Que prazer.
 - Então não sabe? Dedico-me à venatória
 - Caçador de pacas?
 - Grão Caçador Metafísico.
- Sacou de uma adaga enferrujada.
- Atente, meu jovem, é a minha navalha de Occam.
 - Pra que essa máquina de guerra, Professor?
 - Pra que? Veja só a lâmina, não lhe diz nada? Pra tosar pela raiz – zás – o rabo dos falsos problemas meta-patológicos da Filosofia.

E rindo rindo o Professor batia os antebraços de pinguim.

ANTES DA PERESTROIKA

Muito antes. – Para aqueles que vieram depois, em tempo de glasnost.

O ativista sul-americano, chagal de gola levantada na nuca, boné caindo pros olhos e a não-sei se com bomba no bolso, de repente apareceu e mais que de repente, sumiu.

Pregava ação direta coquetéis molotov barras de ferro camufladas em jornal baderna e tudo.

– Pero, pra driblar o cassetete, camarada Loriga?

– Bueno, hay que prever los métodos de fuga...

LA VIE LITTÉRAIRE
(uma cartela aproximativa)

Há, ao vivo –

O escrevinhador esforçado. O beletrista sorriso. O neo-liberal sem rubor. O polígrafo grisalho. O figurão emblemático. O equivocado sublime. O barbudo deslumbrado. O plumífero esvoaçante. O pornógrafo de berço. O ensaístazinho *up-to-date*. O transcriador em órbita. As duplas dinâmicas. Os avinagrados. O carreirista que deu certo. O predador desinibido. O destilador de essências. O mártir do calvário de estilo. A literata fisiológica. O figurante de todas as fotos. Outros, – E, claro, o Escritor e o Leitor, graças a Deus.

O TÓPICO

Pessoal! Querem escutar o que escrevi sobre a renúncia do senador da República por estelionato?

– Lê, companheiro!

– Sua Excelência, caráter nimamente ímpoluto, por questões de *filigranas de consciência...*

– Chega! Chega!

Ecos de gargalhada ali, no Departamento de Jornalismo, onde só se acredita numa coisa: que não se deve acreditar em nada.

À SAÍDA DO METRÔ

- Este ano, pai, a inflação está de amargar.
- Tu achas?
- Está de não se poder comprar um ovo.
- Que dizes?
- Um ovo.
- Ora esqueceste do ano passado, filho.
- Coitados dos pobres! nem sei como vivem.
- Dizes coitados? Coitados dos ricos, filho, que os pobres, como lá dizia teu Avô, esses sempre se governam.

PERGUNTA NO AR

H. o encadernador gosta da roda literária, deixa-se inclusive explorar.

Tem memória de computador mas não cobra a ninguém.

Quando está alto

queda baixo sorumbático bicudo

desinfeliz agreste gebo e descaroável.

Seu discurso é um resmungo nulo; de momento a momento grifa:

– Oi, ilustres! por que os escritores são magros, e os editores gordos?

PARALELAS

- A humanidade me pesa um pouco.
 - E você, não pesa à humanidade?
- Porque o silêncio é de ouro...
 - De quantos quilates?
- Ah, se eu não me chamasse Vanessa!
 - Tem certeza?
- Fulano? um grande homem de bem.
 - Quanto paga de renda?
- Beltrano também terá sua hora de solidão.
 - Tem. E nessa hora vai dormir.
- USA?
 - Pergunta pro Og Mandino.

A OUTRA

A outra não te contei –

Estávamos no mesmo Hotel, eu e o Giménez Figueiró. Visitávamos o Louvre aquela tarde. De repente o cubano adiantando-se, ajoelhou diante da Mona Lisa abrindo os braços: "Ó beleza! Ó nobreza simples e imborrable!"

Grande estupor dos circunstantes.

– Avalio.

Um *gentleman* longilíneo olhou diagonal por cima dos ombros, afastando-se fleumaticamente. E melhor foi, te garanto, do que ler uma dúzia de calhamaços sobre latinos e saxões.

VERBUM VERBORUM

" ... portanto, senhores! sou o verbo dos verbos, quedo sentado e cancelo o nada. Só eu tenho consistência.

Quando quero, até não sou, me eclipse para falar bonito.

Pequeno – *einai, esse, être, sein, to be* – mas que seria dos demais sem mim?"

Vai daí, o Existir não gostou um tico, porém como o Dizer, calou. o Ter nem entendeu. O Estar fez uma careta, de passo que o Pensar, o Sentir e o Fazer pegaram do chapéu e foram-se, seguindo o Agir. Os outros, matilha liderada pelo Parecer, puseram-se a vaiar;

– Fu! Fu! Fora, seu aristotélico-tomista!

Desde então também ele, o verbo Ser, sofre enormes periódicas crises existenciais.

COMUNICAÇÃO

Comumente o potencial comunicativo da mente, ativa em sua entropia comunicadora (posta em parêntese a hipótese aleatória de tipo meramente de caráter configuradamente estrutural) comunica-se, comunitariamente, ao nível randômico e periférico, não reportando necessariamente aqui comunicados silentes, por vezes mitificadores, nos quais se pode detectar invariantes, essa massa de ruídos da constelação semiótica dos comunicáveis, repudiados os parâmetros de um contexto computável de não-comunicação mecanicista e estocástica, longe da referencialidade marcuseana, cuja leitura intertextual privilegia...

– Did you get it, Sonny boy?

ORELHAS

Minipoemas de Xavier Placer é de 1978, em edições Zagorá. Aqui, temos *Miniprosas*.

Este novo livro de XP saiu em parte, originariamente, em *Letras Fluminenses* (nº 53, jun., 1988) e intitulava-se *Instantâneos*.

Recuperado dali, apresenta-se puxando para perto do poema-em-prosa de feição objetiva, presente o espírito de agudeza, a partir da linguagem.

Atados pelo fio do coloquial - ouro corrente da fala - dão-se recados nestas páginas, só que recados de vivos, em gestos verbais.

Em Miniprosas, de escritor breve, não se anedotiza ou narra. Vai direto, e diz, desatando nós da lógica e da ética.

Querendo a participação interativa dos leitores, comparece com livro aberto, em módulos, alocando dentro seus ludismos.

Mas não gastem tempo na leitura desta "orelha". É ir logo ao texto onde poderão agradar, senão todas, certas unidades.

Intuindo relâmpagos - pontos acendendo e apagando - vocês estarão na via certíssima.

HUGO TAVARES